

Só não vê quem não quer

Carlos Chagas

CORREIO BRAZILIENSE

3 - MAR 1995



Nem nas letras dos tangos de Carlos Gardel se viu tamanha desgraça. Para tentar evitar o inevitável, no caso, o malogro do seu modelo econômico, o governo argentino apela para a baixaria. Os salários serão reduzidos, as despesas públicas mais ainda. Apesar disso, não há saída. A Argentina vai para o brejo, atrás do México. Debanda o capital especulativo que chegava de tarde, passava a noite e ia embora de manhã, com lucros de mais de 12% ao mês, e que acabou se constituindo no único resultado do Plano Cavallo. A indústria portenha está sucateada, o desemprego se multiplicou e o Estado foi posto em frangalhos. As medidas recentemente anunciadas não são o último capítulo, mas o penúltimo. Breve se estabelecerá o caos na economia, e, como sempre, lá de cima, as acusações serão as mesmas: não privatizaram o quanto deveriam, apesar de terem entregue até o petróleo e as telecomunicações ao estrangeiro.

É constrangedor ficar falando do fracasso dos argentinos, vizinhos e irmãos queridos, mas não há outro jeito, porque o que acontece lá, e já aconteceu no México, breve acontecerá por aqui. A menos que um vislumbre de bom senso baixe no governo e as chamadas emendas constitucionais passem por ampla revisão. As que já chegaram ao Congresso e, em especial, as que se encontram em preparo.

Mais do que nunca, fica evidente que nenhuma economia se

recupera às custas da massa assalariada e do aumento dos privilégios das elites. Isso está longe de ser modernidade, porque há séculos que se repete. Impérios exauriram-se por essa via. Potências desmoronaram. Por que a insistência? — indagará um marciano recém-chegado à Terra em seu disco voador. A resposta é simples: porque são as elites que, em todos os tempos e quadrantes, fazem as leis, impondo seus interesses e empurrando com a barriga, para a próxima geração, a implosão anunciada. “Se não for comigo, o problema será dos outros...”

Um país de 150 milhões de habitantes só pode ser viável se a população participar do crescimento e da distribuição da riqueza, diria o conselheiro Acácio se entendesse de economia. Acumu-

lar a riqueza, ou melhor, enviá-la para além de nossas fronteiras, e fazer crescer apenas uma pequena parcela já bastante crescida da população, pode resolver os problemas imediatos daqueles que detêm os controles das instituições e concentram o poder, mas constituem passaporte para o caos. Em especial se adotamos modelos que só fazem acelerar o processo, como esse nefasto neoliberalismo imposto a nós pelos que, em escala mundial, detêm o comando geral.

O que se verifica em escala nacional, com muitos sustentando poucos, verifica-se também no planeta. Os países mais ricos mantêm-se pela exploração dos mais pobres. Tanto faz o rótulo de que se utilize, já pintado em inúmeros painéis e sob as mais diversas cores. É sempre assim e dá sempre no mesmo impasse, porque um dia as massas, nacionalmente, ou os antes chamados bárbaros, e agora, subdesenvolvidos, acabam fazendo o desespero superar a indigência. Ou a indignação sobrepor-se à exploração. Da antiga Roma ao Califado de Bagdá, do Império Otomano ao Império Austro-Húngaro, com incursões mais recentes, será sempre assim.

Será que os avestruzes, uma vez na vida, não poderão enfrentar a tempestade sem enfiar a cabeça na areia? Em especial aqueles que têm sido eleitos pelas massas, sob promessas de mudar tudo?

Carlos Chagas é jornalista e professor da UnB